N.º 146 (3.º)—(268)—6.º ANNO Quinta-feira, 28 de Agosto de 1913 Preço 20 rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS
COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUAO Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

ANDA COM ELLE!...

O Consul... do Dia: — Já que nós tres nada podemos fazer, não ha remedio senão recorrer aos outros animaes! Ukss! Ukss!...

A FEIRA DAS AMBIÇÕES

Foi subindo a Avenida da Liberdade *que eu fui pensando na sorte ingrata d'este Paiz, tão lindo pela Natureza Mãe e tão achincalhado e aviltado pelos odios e ambições, pelas ganancias e vaedades dos seus filhos queridos.*

Entrei na feira. Mas, ao meu cerebro como n'uma visão fantastica, transformava-se o real n'uma utopia, talvez não menos real. A feira, era a feira das ambições e politiquices berrante por fora, aviltante por dentro, ladeira ingreme de subir para a Felicidade, illuminada electricamente como arrotando progresso mas cheirando perpetuamente mal, ao azeite antigo, velho, herdado das velhas formulas e costumes. As figuras eram outras, bem minhas conhecidas do palco politico, parlapatões, aventureiros, ambiciosos, e poucos sinceros perdidos n'aquelle meio; senti o cheiro das caldeiradas eleitoraes e ouvi n'uma inferneira de concorrencia á popularidade os Ravachões da vida *a decantarem os programmas dos cinés politicos.*

E então, eu dei uma volta pela feira, sempre perseguido por estas ideias crueis e falsas.

*

A primeira barraca á direita era um cinematographo luxuoso com letras de lampadas electricas, onde li «Democratico Cine Palace». *Uma desafinadissima orchesta de 7 membros descançava limpando os instrumentos, emquanto á porta um homemzinho de barba cerrada e lunetas gesticulava: «Vinde verrr as maiorrres atterrações do* mundo. *Aqui o Zé povinho terrá as melhorrres fitas da actualidade. RRRirrr e* chorrrarrr *com* fitas *comicas e drrramas trrristissimos. Aqui se verrrão as 7000 virrrgens rrregenerrradas e a emocionante fita da Morrrte do deficit. Coisas biologicas e casos patologicos! Tudo por quatrrro vintens. E' entrrrar e verrr como,..* S. Thomé. *Os outrrros* cines *não prrrestam, são uns pulhas que, fazem mal á vista! Só aqui tudo é bom! E' entrrrarrr, é entrrrarrr!»*

Pegada uma outra barraquita modesta ostentava em taboleiros longos, illuminados pela luz branca d'acetilene, brinquedos para creanças, assobios e gaitinhas, sorrizos e bonecas, cumprimentos e modus «vivendis» *em barro. Era a barraquita encimada pela taboleta que anunciava o dono da caza.* «O Machadinho p'rás creanças.»

Depois era o restaurant do Faustino, *com retratos de velhos guerreiros pintados demagogicamente a verde e encarnado e o dono da caza a berrar, rouquenho: «O prato do dia é iscas e figado de Ignez de... Castro. Tambem ha pimentos»!*

Pequenos logares isolados de commerciantes modestos estendiam-se de quando em quando. Vinha então o Theatro Real de Variedades *onde os* commendadores *brazileiros eram esplorados na bilheteira para ver um espectaculo já muito batido. Ostentavam como numero de sensação um macacão velho «Consul» que fazia habilidades e garatujas n'um jornal. Tinha uma* coupletista *hespanhola e anuciava as ultimas recitas da afamada Gaby Deslys. Um pequeno* vaudeville *«El-rey que rabió» completava o cartaz. As cazas eram fracas e metia-se a unha pelos brazileiros que cahiam. Mesmo defronte havia uma engraçada taberna a «Laranginha» a imitar uma* bomba *e onde o vinho era acido sulfurico e chlorato de potassio bebido por craneos de policias. N'um logarsito junto, um alfarrabista velho, sob um* guarda chuva *monstro, empilhava uma caterva de livros, chronicas e cancioneiros, pesquizas de Historia Patria, atirado na pobreza ali para um canto.*

A' esquina d'uma rua deparei com um circo feérico *exteriormente; annunciava* Lucta *mas constou-me que o emprezario mal vestidote e emporcado, de braços cruzados á porta não tinha grande freguezia. Puzera já atrativos nóvos; apresentava o equilibrista... orçamental Vicente e exibia os* tubarões *domesticados!*

Passei pelos fantoches. *Os Robertos estavam echados e só se esperava que a barraca d'estes* marionettes *abrisse para Janeiro.*

Havia junto uma barraquita com um homem avolumado que dava instrução *a ratos e ratazanas. Continuei a andar e ouvi uma nota alegre de sinos a tocar; encaminhei-me e dei com a* Barraca do Padre Antonio Zé *na qual imitando um convento se vendiam programas... governamentaes e bebidas de se subir ao ceu; anunciava licores amnistiacos e tinha a um canto frascos de agua-raz e polvora a arder retiradas da venda. Defronte ouvi o som secco das* flauberts. *Era uma carreira de tiro, a dos* jovens turcos *com pimpam-pum sobre todas as convicções, sobre todo o Passado, etc.*

Agora era uma taberna onde crapuloza e intransigentemente se fazia batota com uma banca de 3 contos de reis. Era uma barraca de má nota onde altas horas marujos iam bulhentamente embebedar-se. Tinha o letreiro: «Cá está o Machadinho da *Rotunda* com alta venda *e petiscos.»*

Um cheirete a bispo, a queimado se exalava d'um grand e barracão illuminado a acetilene:

Era a barraca do «Antigo Afonso das Farturas.»

Atravez dos vidros da cozinha via-se o dono com uma pera mofistophelica e um sorrizo infernal remexer com um pau a frigideira governamental. Havia ali de tudo. Farturas de assucar, farturas de leis, farturas de decretos, farturas de banquetes e farturas de farinha. Tudo feito n'um instante alli á vista do Zé embasbacado. E o homemzinho sorria, mexendo, mexendo a frigideira governamental.

Alli perto era o Metropolitano *com viagens para toda a parte, barraca arrendada em nome d'um tal Magalhães. Era uma das barracas que mais atrahia o povinho.*

Em frente deparava-se-me agora a grande roda de Portugal. *Atentei-a para ver a representação dos governos do meu paiz: é uma engenhoca de ferro com uns cestos onde se mettem meia duzia de politicos Uma vez sobem uns e descem outros; depois descem esses e sobem uns outros. Descem esses e tornam a subir os primeiros, e, assim sucessivamente. A's vezes aquillo pára, sae um passageiro aborrecido e... entra logo outro.*

Foi então que comecei descendo a feira, acotovellado pela multidão que passava.

Vi ainda a barraca dos fenomenos. Uma mulher anunciava o «phenomenal monstro sem cabeça e sem membros» *e por detraz d'um reposteiro arqueologico aparecia o* partido da integridade republicana *rodeado de pessoas que o palpavam para verificarem da sua existencia.*

Entrei n'um café cantante. *Num palco minusculo dois pretos bailavam... ai u i, ai a uè, emquanto mais 2 e uma india esperavam a vez de entrar em scena, sentados n'um banco n'uma meza junto da minha um inglez e um allemão de* bocks *em frente e cachimbo na bocca olhavam cubiçozamente os pobres negros. Cá fora n'um sino novo, um homem de barba e lunetas tocava desesperadamente a* rebate *atordoando os ares e chamando a atenção dos visitantes.*

Fui descendo lentamente e sahi. A' porta lá estava ainda o Ravachól *do Democratico Cine Palace anunciando as maiores atrrrações do* mundo. *Ameaçava furiozo os outros que não iam nas suas fitas, gesticulando e gritando.*

Sahi e vim, quebrádo este pezadelo immenso respirar o ar livre das noites tentadoras d'esta Pátria, bella e linda pela Natureza, achincalhada e envillecida pelos seus dilectos filhos.

Matias.

*

Com a devida venia e por ser dveeras graciosa, transcrevemos do ultimo numero do nosso collega *O Matias*, a chronica que antecede.

Completem a obra

Os *talassas* offerecem ao *Manolo* e á sua noiva dois talheres completos, duas argolas com os competentes guardanapos, cada um d'elles mettido num galeão que serve de estojo.

Já que lhe offerecem os talheres, porque não lhe mandam tambem dois pratinhos com iscas sem ellas?

Vá lá isso!

Cancioneiro do "Zé"

«O regulamento policial prohibe que se cante e toque o fado em tabernas e casas de venda.»

MOTTE

Chorae fadistas, chorae,
A Severa já morreu!

GLOSA

O tempo que já lá vae
Das famosas guitarradas
E d'alegres patuscadas,
Chorae fadistas, chorae!
O Estado só quer ser pae
Do mais modesto plebeu!
Se é Liberdade. digo eu,
Que é bem pesada a tutela
E, felizmente, para Ella,
A Severa já morreu!

Simplicio.

Tem ido uma azáfama de mil diabos nos ministerios da Guerra e da Marinha. Não se perde um minuto. Os ministros vão para os seus gabinetes ainda de madrugada, e sáem de lá altas horas da noite. Os outros empregados imitam-nos. Já não existe aquella atmosphera tepida, conventual das antigas secretarias de estado; os corredores são agora inundados por uma luz alegre de *atelier* e de todas as portas sae aquelle espalhafato tumultuoso e multisonante das tesouras e dos dedaes, cosido na trepidação das machinas de costura.

Admiram-se?! Pois é assim mesmo! Alli trabalha-se, não se faz cera!... Oram ouçam.

Ha dias fomos colher algumas notas de reportagem ao ministerio da Guerra. O continuo do ministro, um homensinho de lunetas, que estava coberto de linhas brancas e se esfalfava a pregar botões n'um monte de calças, annunciou-nos. Entrámos. O ministro offereceu-nos uma cadeira e, emquanto lia um catalogo do Grandella, pudemos, á vontade, analysar o gabinete. Sobre a escrevaninha agglomeravam-se Revistas de modas e catalogos de varias casas commerciaes. A' esquerda um grosso catalogo dos Armazens do Louvre amarrotava brutalmente um numero do *Jornal de Modas e Bordados*. Havia de tudo. Amostras de botões, bocadinhos de galão, pedaços de entremeios, rendas, fitas, barbas para espartilho e fivellas para as presilhas. Nas paredes suspendiam-se algumas reguas e esquadros; aqui e alli os pregos seguravam *córtes* de calças e casacos que se assemelhavam, na sua immobilidade, a quartos de boi suspensos á porta d'uma salchicharia. Preoccupou-nos um ruido compassado de tesoura abrindo-se e fechando-se. Olhámos para tráz. Era o secretario do ministro que, em frente d'um manequim, dava os ultimos córtes na golla d'um *dolman*.

De vez em quando tirava um alfinete do peito e pregava-o delicadamente no collo do manequim.

Depois acariciava-lhe a cintura, como se faz a uma prima bonita, e abanava a cabeça repetidamente, satisfeito de tanta elegancia.

Voltámos a olhar para o ministro. Estava comparando dois pedaços de forro. Depois, ao mesmo tempo que premia um botão electrico, disse-nos, amavelmente:

— Oh! meu caro! Peço-lhe mil desculpas em o fazer esperar, mas temos muito que fazer... Estamos tratando da reforma dos fardamentos!...

Sorrimos com delicadeza e continuámos na nossa cadeira. Entrou o continuo, d'esta vez pretendendo enfiar linha n'uma agulha, para o que tinha tirado as lunetas.

— Vá chamar o chefe da terceira repartição! ordenou o ministro.

D'ahi a momentos appareceu um sujeito calvo, atarracado, com uma fita metrica em volta do pescoço. Trazia nas mãos um par de calças de lista. Sentou-se n'uma poltrona e pudémos ouvir o seguinte dialogo:

— Então, Freitas! Que tal achou a minha ideia para os calções?

— Explendida, sr. ministro. Estão muito bem em estylo *tailleur*...

— E os *cós*? Você não acha aquelle systema primitivo?

— Alguma coisa... No entanto, com uns chumaços e uns aperfeiçoamentos leves, ficam optimos. Já encarreguei dois amanuenses de me tratarem d'isso...

— Fez bem. Sabe que não sympathiso com o encarnado para os debruns?... Preferia *gris-perle*...

— Ou *Jaune brulé*... Foi o que eu já disse. Mas na repartição dos colletes levantaram se obstaculos...

— Veremos isso.

A porta abriu-se e o continuo entrou novamente, dizendo:

— O sr. chefe da repartição dos bonnets e capotes pergunta se pode vir a despacho.

— Mande entrar, disse o ministro. E para nós, com um sorriso á flor dos labios:

— E' um momento!... Isto dos uniformes rouba-me o tempo!

O Freitas safou-se e entrou o outro. Era um homem alto que envergava um capote e ostentava irrisoriamente, no alto da cabeça, um *bonnet* de official. No braço direito meia duzia de capotes; no esquerdo uma pilha de *bonnets*.

O ministro viu os modelos, um por um. Vestiu alguns e apeteciamos já o momento de sermos attendidos quando entrou outro individuo, seguido de dois secretarios, cada qual com sua dóse de pares de calçado. Era o sub-chefe da secção de botas altas que vinha tambem a despacho!

Olhámos o relogio e reparámos que ainda tinhamos algumas voltas a dar. Erguemo-nos, então, para nos dirigirmos ao ministro:

— Se V. Ex. consente...

— Oh! meu caro amigo! Tenho tido um trabalho insano... A que vinha?

— Vinha tratar da defesa nacional...

— Impossivel, meu caro! Não pode vir outro dia? Esta questão dos fardamentos rouba-me o tempo todo!...

— Voltaremos, então.

Sahimos. Eram 5 horas, a hora da sahida dos empregados das repartições, perdão, das costureiras dos *ateliers*. E, na escadaria, ao sermos acotovellados por aquella chusma de pessoas que discutiam esthetica e elegancia, n'um *brou-ha-ha* de comparações atiradas ao ar, tivemos a sensação de estarmos sahindo dos Armazens do Chiado... Mas, depois, olhámos para o alto da porta. Lá estava, em lettra bem gorda: *Ministerio da Guerra*.

Vamos dirigir ao ex-rei de Portugal a seguinte carta:

Amigo Manuel

Sei que vae casar. Que lhe faça muito bom proveito essa grandissima asneira. Conhece o amigo, decerto, aquelle grande pensamento que fez celebre o seu auctor: «o casamento é uma arvore que toma raizes no coração e se ramifica... na cabeça do marido». Não quero dizer com isto que todos se meçam pela mesma bitola. Não, senhor! O amigo tem posses sufficientes para sustentar todos os caprichos de sua esposa e mais um, no caso de apparecer... Mas já se tem dado casos soberanamente adulterinos. Haja em vista aquella sua bisavó Carlota Joaquina que se encarregou de fazer com que o amigo tenha nas veias sangue de toda uma serie de classes, a começar nos jardineiros e a acabar nos fidalgotes duvidosos!... E mais, e mais!... Quer o amigo um concelho? Ou cadeado ou sentinella á vista, porque isso de sangue real é peior que um touro!...

Desejava mandar-lhe um presente commemorativo de tão amistosa e calorifica ceremonia. Mas isto por cá está muito mau. D'essa tarefa se encarregaram já algumas donsellas mascullinas e femininas do Porto, cujos corações rivalisam em sujidade com os pés e com as linguas. Constou-me que lhe mandaram um lindo cofre em ouro, cravejado de brilhantes... Ahi tem o amigo um receptaculo magnifico para alojar as ceroulas da Ericeira! Pasmo, todavia, do sacrificio que fizeram as donsellas: andaram sem mudar de camisa, durante mez e meio, só para lhe serem agradaveis...

Eu é que não sirvo para estas etiquetas de brilhantes e de ouro. Mas, ao menos, sou franco! Percorri tudo, entrei em talhos, fui a corridas de touros, inspecionei mil e uma tardózes de portas, mas fui infeliz... Não encontrei coisa que o amigo merecesse!

Outra coisa. O amigo já escolheu o local para gosar a lua de mel? Porque não vem até Cintra? Como sabe aquillo é bonito e a politica mudou. Quasi lhe posso garantir que todos levava-mos a bem a sua estada permanente em Portugal. Somos todos monarchicos. Republicanos só ha um... Quem o diz é o sr. França Borges. Eu, se estivesse no seu lugar (não se trata do casamento) vinha. Mas vinha serenamente, sem ideias de conquista, porque isto já está conquistado de sua natureza... O unico baluarte republicano é O *Mundo*, porque os outros negavam a Republica... Porque não vem até cá?

Um ultimo conselho, para a noite de nupcias. Tome cuidado não lhe ponham urtigas na cama e quando abrir o livro das contas, veja o numero de crédores que existe... Só lhe desejo que não se deixe adormecer e que ponha os olhos em D. Affonso XIII de Hespanha. Disponha, v. e a noiva, do amigo.

ZÉ.

P. S. — Constou-me que os monarchicos emigrados iam tentar nova incursão. Será verdade? Não creio. O que elles querem é imita-lo a você!...

ZÉ.

Recordações

Eu vi-te. Eras tu ama dum prior,
Gordalhudo, cheirando a ruim vinhaça.
Não sei porque razão cahi-te em graça
Havendo entre nós dois um grande amor.

O padreca, devasso sem valor,
(Como ha muitos por lá na sácra raça)
A cousa percebeu e pôz-se á caça
Té que nos apanhou o tal senhor.

Sempre julguei na festa ficar mal
Levando p'ró tabaco, porem, qual!
Apenas te berrou: — Põe o jantar.

E a mim todo risonho: O meu amigo
Por enorme favor janta commigo!
E' claro que só tive que... aceitar!

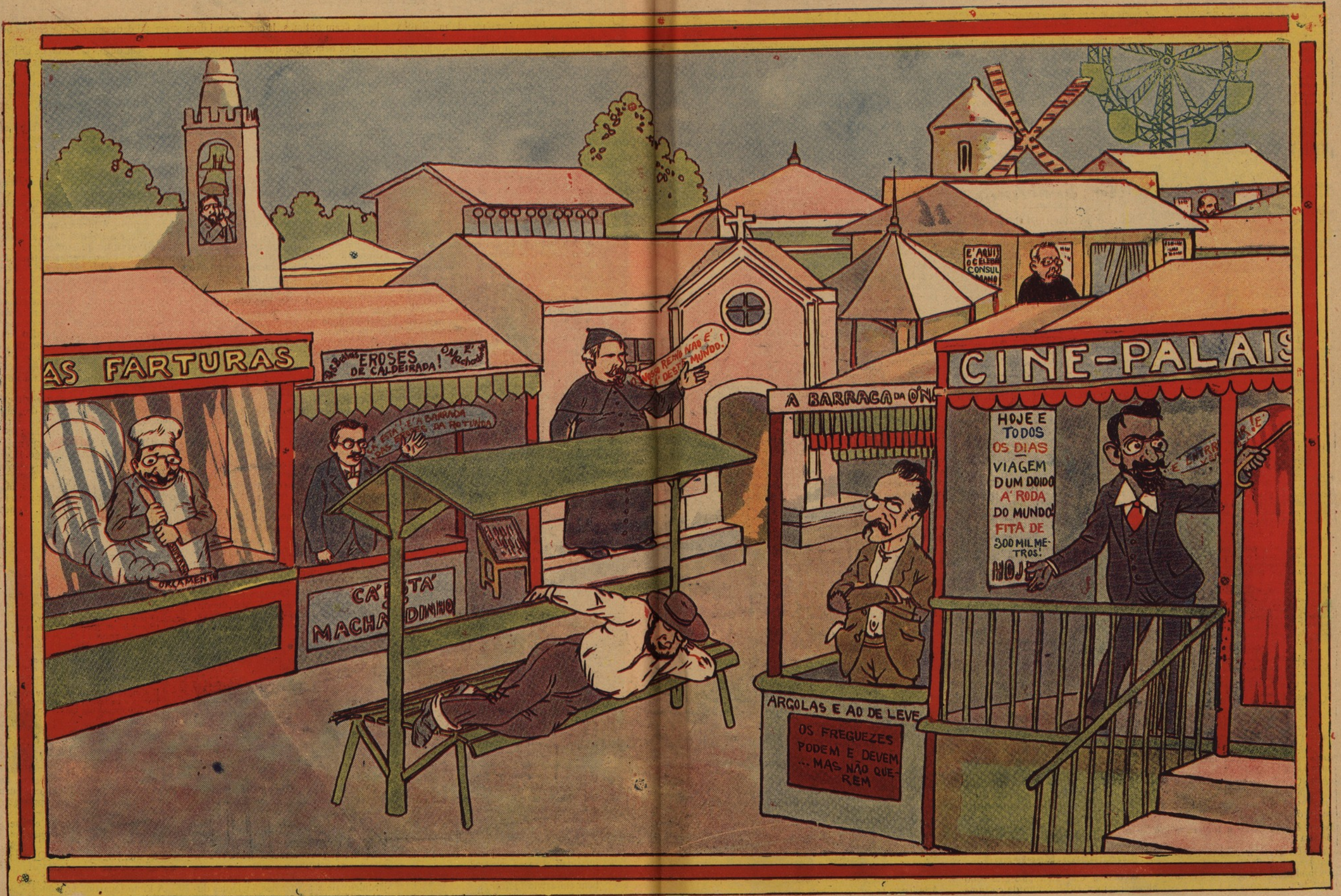
Orlando

Desterrado

Mais uma violencia, commettida, por um governo, que julga a patria, feudo de meia duzia de individuos, quando, este pedaço de terra, é propriedade de todos nós, portuguezes.

Foi expulso de Portugal, e lá segue o caminho do Brazil, Pinto Quartim, por mandado, de S. Ex.ª o Sr. Dr. Affonso Costa, que julgou vêr em Quartim, um perigo para a Sociedade, um perigo para a Patria.

A Pinto Quartim, enviamos d'aqui, as nossas saudações, em signal de protesto pelo acto que foi commettido, e como não perdem pela demora, mais tarde fallaremos a este respeito.

A FEIRA... DOS POLITICOS DE FEIRA

Dupla felicidade: não se pagam contribuições e faz-se optimo negocio! Viva o regabofe nacional!...

Lingua comprida

Um vereador do municipio, o sr. Albino José Baptista, o conhecido 92 da rua do Almada (isto sem rèclame), tratou, n'uma sessão das festas, a fazer, no 3.º anniversario da Republica, data gloriosa para todos os portuguezes.

Pois um guarda-livros *chronico* saltou-lhe logo com as «finanças» á frente, e o Covões com o *deficit* das festas da cidade, e nada se resolveu.

Pelos modos, lá pela actual commissão, o *superavit* é tudo!

Haja dinheiro em cofre e deixem-se essas ruas esburacadas, que é uma vergonha e um perigo, e não se auxiliem, no *maximo*, festas nacionaes, que são um incitamento moral a este bom povo e ao commercio, eis o que os Covões querem!

Ora bolas.

Quem quizer *economias*
Por talvez ter mil razões,
P'rá aprender as theorias
Vá pr'os Covões.

●

O duque de Campo Belo, official da guarda do Papa, *cortou-se* grandemente, roubando dinheiro e falsificando cheques.

O beatifico *maroto*, além de falsificador, é tambem sobrinho de um cardeal!!

E o olho da Providencia sem vêr aquillo!

Crédo!

Até parece que Deus não está em toda a parte, como elles dizem, para evitar tal roubalheira.

Se lá estava, francamente,
E viu o roubo *saré*,
Isto agora aqui p'rá gente:
— E' um cumplice, ou não é?

●

O beatifico *Noticias* diz constar-lhe que em breve deve ser entregue ao ex-rei D. Manuel um trajo de lavradora do Minho, com que as senhoras do norte de Portugal presenteiam a sua noiva.

O trajo vai a caminho de Inglaterra, encerrado numa soberba arca.

Nós, que não somos *d'arcas encoiradas*, sempre diremos que achamos o presente algo obnoxio!

Que ideia seria essa de quererem mascarar a innocente e aristocratica princesa de *lavradeira?*

Lá não ha a procissão da Saude!

Aquillo é maroteira da *talassaria* ou da Gaby Delliss.

Um semelhante presente
No entanto não faz mal,
Sempre serve e ricamente
Pr'os bailes do Carnaval!

●

A *poderosissima* dos phosphoros venceu e mostrou mais uma vez que faz o que quer, firmando-se num contracto leonino, que a Republica já devia ter revisto.

Foi prohibido o uso, o fabrico e a venda de isqueiros!!!...

E' extraordinario.

Como houve poucos patifes que se prestaram ao sujo papel de denunciantes, tanto *minou* a *poderosa*, que conseguiu essa prohibição odiosa.

Nem com a réles isca da Companhia já se póde acender um charuto!...

Ha de ser com os phosphoros sem cabeça, dos quaes só acendem a quarta parte, que um cidadão póde dar a sua fumaça.

Palavrinha de honra, que nós, republicanos e democratas, desde que nos entendemos sempre esperámos que isto mudasse de rumo, no respeitante ás *poderosas*.

Não ha maneira.

O sapateiro Avelar,
Trabalhando co'o bisegre,
Ao ouvir isto contar,
Diz: — O' filho, é aguentar
E cara alegre!

Orlando.

Diálogo autentico

Maricas — Então Bellinha não vaes este anno a Lourdes?

Bellinha — O' filha, não posso! Não calculas as despesas que eu vou faser com o meu vestido azul e branco para o casamento do *nosso* rei!

Maricas — Bravo! Vaes a Inglaterra assistir á festa!

Bellinha — Eu ir estar com os inglezes?!! Estás maluca. O Manoel vem casar a S. Domingos. Antes disso dá um ar na Republica.

Maricas — O' filha, o que deu foi um ár ao dinheiro do teu marido.

O. X.

CARAMBA!

N'uma gericada ao Sameiro
«Vai misero cavalo lazarento...»

E' pelo Bom Jesus, em marcha p'r'ó Sameiro,
Que o grande Juliàno a larguissimo tróte,
Monta com tal tezúra um trôpego sendeiro
Quál outro D. Quixóte!

— Piléca! E a corrêr o pobre do garrano!
Catrapúz, catrapúz, no trágico galópe,
Mais parece um velóz e possante ciclópe
Levando para lonje o heróico Juliàno...

E entre núvens de pó que se érgue do caminho,
O féro animál não còrre, vai p'lo ár,
Apóz tèr emborcádo umas sôpas de vinho...

Faz grande sensação. Fáz mesmo admirár
A fôrça colossal do brúto do burrinho...
— Pois foi o Juliáno o... ultimo a chegár!!!

Porto. *Salvaterra Junior.*

Na brecha...

Na Camara Municipal do Porto, segundo nos informam as gazetas, um typo qualquer, que se diz *livre pensador*, mas, que na verdade não passa de um patarata sem consciencia, matriculou um cão com o nome — *Jesus Christo*...

Este grandissimo *livre pensador* é naturalmente algum dos tantos doidos que por tolerancia da auctoridade andam á solta e que andam com as mãos no ar por verem andar os outros...

Isto não nos revolta, nem nos entristece.

Cauza-nos simplesmenie nojo...

O que não podemos deixar de estranhar, é que houvesse na Camara do Porto empregados que registassem o cão em aquelle nome e pronome.

Ha individuos que se celebrizam tristemente e aquelle é um d'elles. Pobre livre pensador que tão mal empregaste o teu tempo.

Quem escreve estas linhas tambem é livre pensador, mas não pode deixar de reconhecer que o procedimento de tal typo não é de livre pensador, *mas de um pensador inconsciente*.

Bem sabemos que ha quem chame aos irracionaes nossos irmãos inferiores, mas isso não devia obstar que se respeitasse o nome do palido nazareno.

●

Segundo informações fidedignas, o Limoeiro comporta 500 prezos, mas tem 1500!

Entre esses prezos alguns são republicanos e dos que mais trabalharam e se sacrificaram pela republica, que ahi estão ha mezes *sem culpa formada!*...

O' aureos tempos de propaganda! O' liberdade apregoada nos comicios!

Não ha duvida de que *governar é descontentar*, mas a lei deve ser respeitada.

Ponham em liberdade todos aquelles que não teem culpa formada; respeitem a liberdade dos cidadãos que respeitam a lei e as instituições, embora sejam leaes adversarios do regimen.

Esse caso de um individuo ser inimigo de outro, simplesmente porque não pensam do mesmo modo, isso não é nada civico, nem politico. E' burlescamente intolerante. A intolerancia n'estes casos designa individualidades despoticas e tyrannicas.

Jean Jacques

Almanach Bertrand

Recebemos e agradecemos este bello almanach para 1914. Como de costume insere, alem de muitas coisas uteis e educativas, um sem numero de contos, anedoctas e magnificas gravuras.

A *Lucta* diz que o ministro da Italia conferenciou largamente com o Brito Camacho. Parece que o convidou a ir *apanhar cavacos* para Napoles...

— Dizem das Caldas que houve ali uma tourada em que foi lidador D. Manuel de Bragança. Parece-nos de mau agouro este facto nas vesperas do cazamento do ex-rei...

— O José Verissimo, do Brazil, tem dito nos jornaes d'esse paiz coisas horrorosas da Republica Portuguesa. Imaginem os leitores que o feroz publicista chegou a afirmar que os carbonarios cosiam fritavam e guizavam os talassas! Mas já se não lembra de que, na terra dos macacos, os monarchicos sofreram *tratos de polé*, pouco depois da implantação do actual regimen, apezar de se dizer, nas gasetas que não houve efusão de sangue!

— O Brito Camacho foi a Santarem fazer uma conferencia. Pois, nem por ir á terra do Santo Milagre o insigne porcalhão se converteu á Religião... da limpeza!...

— O Accacio de Paiva está escrevendo uma revista. Se não consegue qualquer ajudasinha de um colaborador misericordioso, é *asneira que te parto* e *canudo* certo para a empreza.

— Muita gente fez troça do administrador das Caldas por ter proibido, em edital, a pratica de actos obscenos, durante a execução da *Portugueza*. Havemos, porém, de confessar que a referida auctoridade foi apenas prudente, pois preparou-se para a hipotese de aparecerem naquella formosa estação termal o Brito Camacho, o Camara Lima e quejandos *ocultistas*...

— Sempre é certo que o Affonso Costa pensa em se proclamar imperador, visto que já encomendou a uma casa estrangeira a corôa e o cetro, e a Associação dos Proprietarios abriu uma subscrição, entre os contribuintes agravados, para a compra do manto.

— O *Estevão* de Vasconcellos disse no Centro Democratico que os 2.600$000 rs. que recebe anualmente mal lhe chegam para o almoço. Se assim é, não ha outro remedio senão aumentar-lhe a ração..., pois o seu talento é essencial para a defeza da Republica.

Bacteriologista.

PODE OU QUE?

Tem Maria uma inchação
que ha mezes a apoquenta
e é tal a inflamação
que já quasi a não aguenta.

E n'este enorme sarilho
que até já faz aflição
quer ella *soltar* o filho
que lá tem no *cagarrão*.

Mas lembrou-se e muito bem
que o Afonso, o maganão
podia qu'rêl-o tambem
Em conserva na prisão...

E assim, mas sem arrelia,
pergunta-se e com razão
se do ventre da Maria...
él' pode sair ou não!

Danilo.

Theatro Salão dos Anjos

Actualmente os prestigiditadores ingromantes Casimiro Simões e M.elle Pelyssi e concertos sob a direcção de Bonatti. No dia 3 estreia do film *O Garoto de Paris* com 7 partes e 3500 m. Todas as noites ha novidades.

Bisbilhotice

—Bons dias, vizinha Leocadia, como tem passado?

—Oh! minha amiga, mal, mesmo muito mal!

—Então porquê? Falta de *massa*, não?...

—Qual falta de *massa*, nem qual carapuça! Essa nunca me falta, pois ella nunca me prometeu!...

—Já vejo que a vizinha, hoje, vem mal humorada!

—Escamada, diga assim!

—Escamada?... Oh! diabo!...

—Quer saber?

—Ha dias, de passagem por esta cidade de barracões á beira-mar arrombados... esteve um diplomata brazileiro, ao qual, em sua honra, se realizou um jantar, promovido, creio eu, por um ministro qualquer!

—Que tem isso de extraordinario?

—Ainda não ouviu o resto. Deixe-me falar e depois diga alguma coisa. Pois, para esse jantar, convidou-se vária gente graúda e, entre ella, o consul e o ministra brazileiro!

—Que mais?...

—Agora é que rebenta o buzillis! Ha dias, apresentou-se em casa de um diplomata, de cujo nome não vem para o caso, com um recibo, em que se lia o seguinte: «Parte do jantar em honra do sr. *fulano de tal*, 10$700 réis, ou seja, *estadologicamente* falando, 10 escudos e 70 centavos!»

—E, o tal convidado, pagou?

—*Sempre está c'uma fébre* que o convidado pagasse! Disse ao portador que pagava por honra da firma! Oh! mas quer ouvir o bonito? Pagava, sim, porém que havia de trazer no recibo a assignatura do sr. Manuel de Arriaga! O homemzinho do recibo rodou sobre os calcanhares e... sempre a andar!...

—Agora, pergunto eu, que juizo ficará fazendo esse diplomata, representante de uma nação amiga, a respeito do nosso *grandioso e sensacional superavit?*...

—O que ficará fazendo? Essa agora é muito boa! Ficará dizendo com os seus botões que nós, portuguezes, somos um paiz de *pilhas!*... Então convida-se um amigo para jantar e depois manda-se receber a respectiva importancia? Ora bolas; contra isto, batatas! Até depois. Ainda temos muito que falar.

D. Chicote.

NO ALBUM D'UMA EX-FREIRA

«Menina e moça me levaram de casa de meus paes.»

Bernardino Ribeiro.

Eu era «menina», é certo,
Mas por minha triste sina
Um certo padreca esperto,
Com festinhas na menina,
Envergando um balandrau
De burel ou saragoça,
O mau
De tal forma me enganou
Que hoje «menina» não sou
Porque sou apenas «moça.»

Brites

Pouca sorte

Os jornaes inglezes desmentem formalmente que o rei de Inglaterra se faça representar no casamento do *Manolo*.

Coitado!

«Mais uma illusão perdida
Mais um ai, entre mil ais!»

A S.t Barthelemy

— 24 de agosto —

ao K K. To.

Passou mais uma vez a data tenebrosa
Da Saint Barthelemy, a sangreira horrorosa,
Que o padre preparou na nossa amada França!
E onde não escapou nem velho nem creança,
— Mata que é *huguenote*, a canalha bradava,
— Mata que é um hereje! a malta ignobil, brava,
Dos fanaticos vis,
Em muito pobre velho invalido e exangue
Mais torpe que os chacaes e as féras dos covis
Fez derramar a rir muito inocente sangue!
. . . .
A Saint Barthelemy porém da-nos razões
Para odiar de vez as taes religiões
Todas, sem excepção,
Porque de fazer mal todas capazes são
E de prégar o Bem e pratical-o, em suma,
Nenhuma!

Orlando.

Os nossos leitores sabem que a Prussia é lutherana e a essa circunstancia deve as suas prosperidades: mas como quer que o jesuitismo se intrudusisse surrateiramente nos seus designios, foram expulsos por Bismark em 1870, o que tem dado aso aos grandes progressos da moderna Alemanha, parecendo que está chegado o momento do grande imperio principiar a declinar, visto que se inclina a dar guarida á maldita seita execrada por todos os espiritos liberaes.

●

As grandes potencias acabam de tomar mais uma definitiva e irrevogavel resolução, que consiste em determinar que Andrinopla fique na posse da Turquia.

Ficam-lhe muito bem estes sentimentos, manifestados tão *espontaneamente* e estamos convencidos de que os Turcos jamais olvidarão *todos os beneficios* que a Europa lhes tem prodigalisado.

As amabilidades da cruz para o crescente, tem ido muito alem das mantidas entre um tigre e um cordeiro.

Até se chegaram a negar recursos para os feridos do grande povo mussulmano.

Quanto mais conhecemos os catolicos, mais amigos somos dos chacaes!

●

A christianissima gente que o narigudo Fernando d'Orleans, rei da Bulgaria, *levou á gloria*, como dizem os realeiros dos adeantamentos, provou bem que se não esquecem das praticas das sachristias, tal a abundancia de assassinatos, roubos, incendios, torturas e violações que praticaram, com a convicção de irem para o ceu, se á hora da morte tiverem um bom arrependimento, e sobretudo se á egreja e seus representantes deixarem bom peculio.

●

O virgem e martyr Sebastiãosinho, virgem do lado da parra e martyr do outro lado, pasa pelo desgosto de não dar o nó no filho da mulher do oito arrobas, (segundo G. Junqueiro) mas reserva-se para *aparar* qualquer pedido que lhe façam, e tirar depois a desforra da desfeita agora resolvida pelo D. Manoel d'Orleans.

●

No dia 24 do corrente, houve muitos catolicos e apostolicos que choraram de raiva por nos não poderem fazer, em tão solemne dia, o mesmo que out'rora fizeram os seus confrades em França aos desgraçados huguenotes, que confiadamente julgaram que os catolicos eram gente.

Cafila de patifes e assassinos!

Abelha Mestra.

Era mais logico

A *talassaria* rica com o *cava milhões* á frente offerece como brinde ao Manoel um objecto de ouro representando uma caravella, com pedras preciosas.

Pois parece-nos que seria melhor offerecer-lhe em ouro, prata ou gesso reproducção da barca Bomfim com incrustações de pedras da Ericeira.

Theatro Moderno

Abre no dia 30 com uma magnifica companhia de oppereta e revista de que faz parte Delphina Victor. Ao que consta irão fazer parte do elenco alguns outros artistas queridos do publico. Auspiciamos ao elegante theatrinho da rua do Resgate uma epocha de successos de bilheteira.

No *Republica*, continua-se navegando em maré de rozas, e assim será emquanto lá estiver a revista «De capote e lenço». Pelo *Avenida*, a vida não é menos feliz, visto que o «31» é revista de muita piada, e egualmente o *Apollo* tem tido uma época de verão de primeira ordem, concorrendo o publico largamente aos seus espectaculos. Na feira, o *Julia Mendes* organizou uma companhia de primeira ordem e conseguiu peça de agrado certo e, assim, todas as noites tem enchentes certas. Quanto ao *Novidades*, a revista «E' escôva» tem muzica muito agradavel e um magnifico corpo coral.

O *theatro Salão dos Anjos* tem actualmente uns prestidigitadores que fazem as delicias do publico e apresenta todas as noites fitas de successo.

Cines

O *Triadade* prepara uma epocha de inverno grandiosa, entretanto dá sessões de agrado; o *Terrasse* apresenta ás sextas estreias de muito valor; o *Loreto* continúa correndo fitas faladas de muita verve; o *Central* inaugurou uma série de dramas de primeira ordem e, pelo *Olympia*, as noites são sempre de enchentes.

Na feira, o *Ideal* tem ultimamente apresentado fitas de muito interesse; no *Cine-Paris*, a concorrencia não diminue, sendo muito apreciada a sua musica, e o *Alhambra-Cine* tem uma machina perfeita em absoluto.

Boatos...

Já correm, por ahi, boatos varios
acerca do *casorio* do *Manél*
ex-rei de Portugal, que, de tropel,
do palacio fugiu, com seus sicarios.

Até alguns *talassas* sedentarios
que tambem concorreram p'ra o *annel*
dizem que vão dar festas a *granel*,
em honra d'esse *rei de salafrarios*.

E para festejar tão grande dia,
— são mesmo levadinhos do demonio —
tambem restaurarão a monarchia.

Depois irão em louco *pandemonio*,
na mais deslumbradora fantasia,
sentar o rei num throno... a Santo Antonio!

Vid'alegre.

Posta restante

Pevide sem Felix. — Recebemos a peça. Ir-se-ha publicando aos boccados. Pode mandar as chronicas.

Carta aberta

Mêu bom Sabino Correia
Esta carta vou escrever
sem um vislumbre de areia,
ou de bolha ou de humorismo,
somente p'ra te dizer
que em tanto trabalho abismo
o meu tempo, que não sei
quando tempo disporei
p'ra que te fale e te abrace
indo ver todas as fitas
que sempre tens mui catitas
no salão mais bello e vasto
que é o **Chiado Terrasse!**

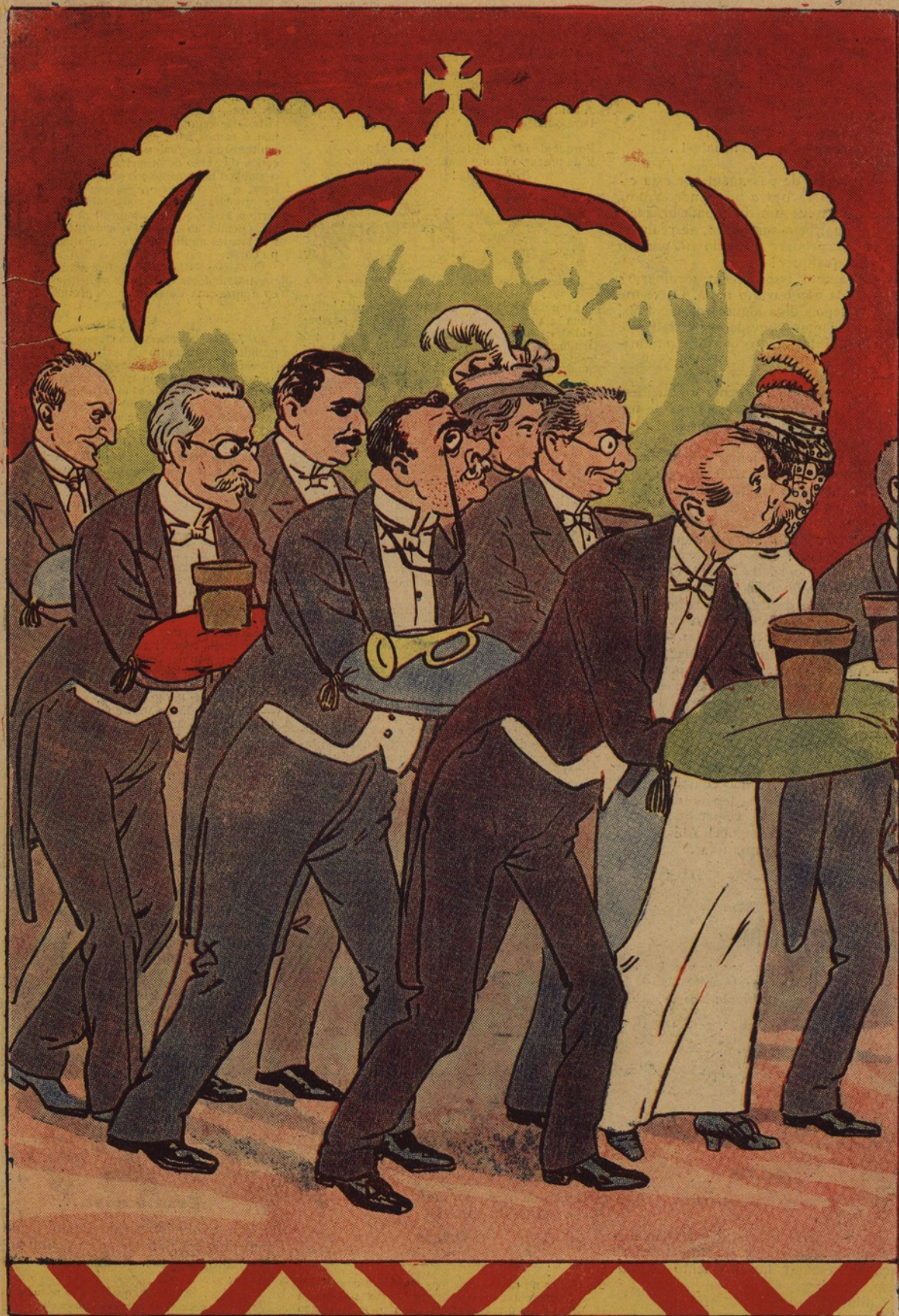
Teu—*K K. To.*

Esta é nova...

Um evolucionista do Porto mandou imprimir em bilhetes postaes, um elogio ao Antonio José. Entre outras coisas, diz:

E' por isto que todos os portuguezes dignos d'este nome estão com elle.

Não sabiamos que o chefe do partido evolucionista estava por conta...

O PRESENTE... DO NOIVADO

Aqui está no que deram os ultimos cofres dos papalvos banqueiros da conspirata: em vasos para as necessidades reaes!...